

**J. R. Ward**  
**Amante Desperto**  
*Série Adaga Negra - Vol. 3*

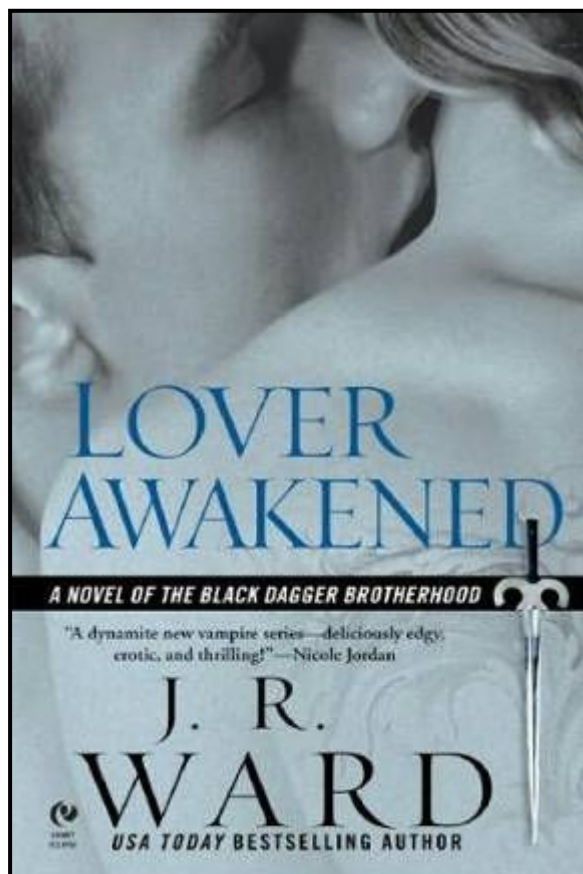
Disponibilização/Tradução/Pesquisa: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Joelma

Revisão Final: Táai

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



*Nas sombras da noite no Caldwell, New York, inicia-se uma guerra mortífera entre vampiros e seus assassinos. Mas, existe também uma Fraternidade secreta que não pode ser comparada a nenhuma outra que tenha existido — seis guerreiros vampiros, protegendo sua raça. Destes, Zsadist é o mais assustador membro da Irmandade da Adaga Negra.*

*Zsadist, que durante séculos foi um escravo de sangue, ainda carrega as cicatrizes de um passado forjado à base de sofrimento e humilhação. Conhecido pela sua insaciável raiva e sinistros atos, é um selvagem, temido igualmente entre os seres humanos e vampiros. A raiva é sua única companheira e o terror sua única paixão... Até que ele resgata uma bela aristocrata da Sociedade do mal Lessers.*

*Bela se sente enfeitiçada de imediato pelo ardente poder que emana de Zsadist. Porém, quando o desejo de ambos começa a consumi-los a irrefreável sede de vingança que Zsadis sente pelos torturadores de Bela o leva ao limite da loucura. Agora, Bela deve ajudar seu amante a superar as feridas de seu atormentado passado e encontrar um futuro junto a ele...*

## CAPÍTULO I

— Maldito seja, Zsadist! Não salte...

A voz de Phury apenas se escutou por cima do som da batida do carro diante deles. E, isso não deteve seu gêmeo que saltou do Escalade enquanto iam a cinquenta milhas por hora.

— V, ele está lá fora! A um e oitenta de nós!

O ombro de Phury golpeou ruidosamente contra a janela quando Vishous derrapou controladamente com o SUV. Os faróis dianteiros se balançaram e Z rolou sobre o asfalto coberto de neve como uma bola. Uma fração de segundo mais tarde, arrastou seu traseiro e se levantou sobre seus pés, indo à caça do sedan dentado que agora tinha um pinheiro como enfeite sobre a capota.

Phury vigiou seu gêmeo e tirou o cinto de segurança. Os lessers que estavam perseguindo no limite rural de Caldwell poderiam ter acabado com seu maldito passeio segundo as leis da física, mas isso não significava que estivessem fora de serviço. Aqueles bastardos não mortos eram duradouros.

Quando o Escalade parou, Phury abriu apressadamente a porta enquanto pegava seu bastão. Não sabia quantos lessers havia no carro ou que tipos de munições levavam. Os inimigos da raça dos vampiros viajavam em grupos e sempre iam armados — Santo inferno! — Três dos assassinos de cabelos claros tinham saído e só se via o cambaleante condutor.

As pequenas probabilidades não detiveram Z. Era um maníaco suicida, que se dirigia diretamente para o trio de não mortos com apenas uma adaga negra em sua mão.

Phury se moveu rapidamente através da estrada, escutando Vishous correr pesadamente atrás dele. Mas não eram necessários.

Enquanto as silenciosas rajadas de ar formavam redemoinhos e o doce aroma de pinheiro se mesclava com o escapamento de gás do destróçado carro, Z derrubou aos três lessers apenas com a faca.

Cortou-lhes os tendões posteriores dos joelhos para que não pudessem correr, rompeu-lhes os braços para que não pudessem se sustentar, e os arrastou pelo chão até que ficaram alinhados como se fossem horríveis bonecas.

Levou-lhe quatro minutos e meio, incluindo despojá-los de suas identificações. Então, Zsadist fez uma pausa para tomar fôlego. Quando olhou para baixo, ao gordurento sangue negro derramado que manchava a branca neve, o vapor se elevava sobre seus ombros, uma aprazível névoa jogava com o frio vento.

Phury colocou o bastão na cartucheira de seu quadril e se sentiu enjoado, como se tivesse comido seis pacotes de bacon gordurento. Esfregando o peito, olhou a sua esquerda, a Rota 22 estava mortalmente tranquila esta noite e estar fora dos subúrbios de Caldwell era adequado. As testemunhas humanas seriam improváveis. Os cervos não falam.

Sabia o que viria depois. Sabia que era melhor não tentar detê-lo.

Zsadist se ajoelhou sobre um dos lessers, sua cara com cicatrizes deformada pelo ódio, seu destróçado lábio superior se torcendo para trás, suas presas largas como as de um tigre. Com o cabelo raspado e os olhos sob suas maçãs do rosto, parecia o Grim Reaper<sup>1</sup>, e como a morte, trabalhava cômodo com o frio. Vestia apenas um pulôver de gola alta e calças folgadas negras, ia mais armado que vestido: a pistola negra, marca registrada da Irmandade da Adaga Negra

---

<sup>1</sup> Nota da revisora: é o anjo designado para remover a alma dos seres humanos.

cruzada sobre seu peito e mais duas facas, amarradas com uma correia sobre suas coxas. Também usava um cinturão com dois SIG Sauers.

Não é que nunca usasse os nove milímetros. Quando matava, gostava de fazê-lo pessoalmente. Na realidade, era o único momento em que se aproximava de alguém.

Z agarrou ao lesser pelas lapelas de sua jaqueta de couro e golpeou com força o tórax do assassino sobre o chão, obtendo um estreito boca a boca.

— Onde a mulher está? — quando não obteve mais resposta que um malvado sorriso, Z levantou sem consideração ao assassino. O estalo ecoou através das árvores, um som duro como o de um ramo que se quebra ao meio — Onde a mulher está?

O assassino burlou-se sorrindo abertamente, então a raiva de Z elevou-se tanto que fez seu próprio círculo ártico. O ar ao redor de seu corpo carregou-se magneticamente e tornou-se mais frio que a noite. Os flocos de neve não caíam a seu redor, como se se desintegrassem com a força de sua cólera.

Phury escutou um som estridente e olhou sobre seu ombro. Vishous estava acendendo uma bomba caseira, as tatuagens em sua têmpora esquerda e o cavanhaque ao redor de sua boca destacavam-se sobre o brilho alaranjado.

Ante o som de outra pequena explosão, V respirou profundamente e fez rodar seus diamantinos olhos.

— Está bem, Phury?

Não, não estava. A natureza selvagem de Z sempre era matéria de um conto de horror, mas ultimamente fez-se tão violento que era duro olhá-lo em ação. Um poço sem fundo, sem alma depois que Bela tinha sido seqüestrada pelos lessers.

E, ainda não a tinham encontrado. Os Irmãos não tinham nem pistas, nem informação, nada. Inclusive com o duro interrogatório de Z.

Phury estava confuso sobre o rapto. Não conhecia Bela o suficiente, mas tinha sido encantadora, uma mulher que andava no mais alto nível dentro da aristocracia de sua raça. Entretanto, para ele tinha sido mais que sua linhagem. Muito mais. Ela tinha ido mais à frente do homem sob a disciplina de seu voto de celibato, removendo algo profundo. Estava tão desesperado quanto Z por encontrá-la, mas depois de seis semanas, tinha perdido a fé de que tivesse sobrevivido. Os lessers torturavam aos vampiros para obter informação sobre a Irmandade e como todos os civis ela sabia pouco sobre os Irmãos. Certamente agora estava morta. Sua única esperança é que não tivesse agüentado dias e dias infernais antes de falecer.

— O que fizeram com a mulher? — grunhiu Zsadist ao seguinte assassino. Quando tudo o que lhe disse foi um “Foda-se”, Z pegou a Tyson e golpeou ao bastardo.

Por que Zsadist se preocupava com uma mulher civil, ninguém na Irmandade podia entender. Conheciam-no por sua infernal... Misoginia, temiam-lhe por isso. Por que se importava com Bela era o que todos se perguntavam. Entretanto, ninguém, nem Phury, como seu gêmeo, podia predizer as reações do homem.

Enquanto o eco do brutal trabalho de Z era isolado pelo bosque, Phury sentiu-se quebrar pelo interrogatório enquanto o lesser se mantinha firme e não dava nenhuma informação.

— Não sei quanto mais poderei agüentar disto. — disse em um sussurro.

Zsadist era o único a quem tinha na vida, à parte da missão de proteger à Irmandade da raça dos lessers. Cada dia Phury se deitava sozinho e não dormia, absolutamente. A comida dava-lhe pouco prazer. As mulheres estavam descartadas devido a seu celibato. E, cada segundo estava preocupado pelo que Zsadist faria e quem seria ferido no processo. Sentia como se estivesse morrendo por mil cortes, sangrando lentamente. Por intermédio de todas as cruéis intenções de seu gêmeo.

V estendeu a mão enluvada e apertou a garganta de Phury.

– Olhe-me, homem.

Phury o olhou e encolheu-se. O olho esquerdo do Irmão, que tinha as tatuagens a seu redor, dilatado até não ver-se mais que um negro vazio.

– Vishous, não... Eu não... — merda. Não tinha por que inteirar-se de seu futuro agora mesmo. Não sabia como dirigiria o fato de que as coisas só fossem piorar.

– A neve cai devagar esta noite. — disse V, esfregando o polegar para frente e para trás sobre sua grossa veia jugular.

Phury piscou quando a tranqüilidade chegou, seu coração desacelerou ao ritmo do polegar de seu Irmão.

– O que?

– A neve... Cai muito devagar.

– Sim... Sim, faz.

– E, tivemos muita neve este ano, verdade?

– Uh... Sim.

– Sim... Muita neve e vai haver mais. Esta noite. Amanhã. O mês que vem. No próximo ano. As coisas vêm quando vêm e caem onde caem.

– Assim é. — disse Phury brandamente — Não há nada que o pare.

– Não, a menos que você seja o pedaço de terra. — o polegar se deteve — Meu Irmão, não vejo você como um pedaço de terra. Não o deterá. Nunca.

Uma série de pequenas explosões e brilhos apareceu quando Z apunhalou ao lesser no peito e os corpos se desintegraram. Então, só restou o apito do radiador do carro destruído e a pesada respiração de Z.

Como uma aparição, levantou-se do enegrecido chão, o sangue dos lessers manchava seu rosto e seus antebraços. Sua aura era uma brilhante neblina de violência que deformava a paisagem que tinha atrás, o bosque atrás dele estava ondulante e impreciso emoldurando seu corpo.

– Vou ao povoado. — disse ele, limpando seu punhal na coxa — Procurar mais.

Antes que o senhor O voltasse a caçar vampiros, liberou a trava de segurança da sua nove milímetros Smith & Wesson e olhou no interior do canhão. A arma precisava de uma limpeza e seu Glock também. Uma droga que quisesse fazer, mas apenas um idiota permitiria que seu zelo diminuísse. Infernos, os lessers tinham que estar bem armados. A Irmandade da Adaga Negra não era a classe de objetivo com o qual se descuidar.

Caminhou através do quarto de tortura, fazendo um pequeno desvio ao redor da mesa de autópsias que utilizavam para seu trabalho. A distribuição da sala não tinha nenhuma separação, o piso estava sujo, mas como não havia janelas, o vento, em sua maior parte, mantinha-se fora. Havia uma cama de armar onde dormia. Uma ducha. Nenhuma privada ou cozinha porque os lessers não comiam. O lugar ainda cheirava a madeira fresca, por que o tinham construído fazia apenas um mês e meio.

O único acessório fixo eram as estantes que se estendiam das sujas vigas descendo por toda a parede de quarenta pés de comprimento. Os instrumentos estavam colocados, cuidadosamente limpos, em vários níveis: facas, parafusos de segurança, tenazes, martelos. Se havia algo que pudesse arrancar um grito de dor de uma garganta, eles o tinham.

Mas, o lugar não só era para a tortura, utilizava-se também como armazém. Manter vampiros prisioneiros durante um tempo era um desafio, por que eles podiam fazer “*Poof... Desapareci!*” diante deles, se fossem capazes de estar calmos e concentrarem-se. O aço impedia o

ato de desaparecer, mas uma cela com barras não os protegeria da luz do sol e uma sala de aço no edifício era pouco prática. Funcionava bastante bem, embora fossem uns jogos de tampas de boca-de-lobo metálicos colocados verticalmente no chão. Ou três deles, como era o caso.

O teve a tentação de ir às unidades de armazenagem, mas sabia que se o fizesse, não retornaria à caça e tinha cotas a cumprir. Ser o Fore-lesser, segundo na hierarquia tinha alguns atrativos extras, como ter acesso a este lugar. Mas se tinha a intenção de proteger sua privacidade, teria que ter um desempenho adequado.

Significava que tinha que cuidar de suas armas, mesmo que preferisse estar fazendo outras coisas. Separou com uma cotovelada um estojo de ferramentas, pegou a caixa de limpeza da pistola, e aproximou um tamborete à mesa de autópsias.

A única porta do lugar se abriu de repente sem nenhuma batida. O olhou sobre seu ombro, mas quando viu quem era, obrigou-se a reduzir a expressão de chatice ao mínimo.

O Senhor X não era bem-vindo, mas ele era o responsável pela Sociedade dos Lessers e não podia negar-se. Só por razões de auto-preservação.

De pé sob a luz da lâmpada, o Fore-lesser não era um bom oponente se quisesse permanecer inteiro. De um metro e noventa, era como um carro: quadrado e duro. E, como todos os membros da Sociedade que tiveram sua iniciação há muito tempo, era totalmente pálido. Sua pele branca nunca ruborizava e não conseguia bronzear-se. Seu cabelo era branco, os olhos de cor cinza clara como um céu nublado e igualmente sem brilho e neutros.

Com um passo informal, o Senhor X começou a olhar ao redor, não observando a disposição dos objetos, mas procurando.

— Disseram que você conseguiu outro.

O deixou a barra de limpar a arma e analisou as armas que usava agora. Uma faca para lançar sobre sua coxa direita. Uma Glock na zona lombar. Sentia não ter mais.

— Agarrei-o no centro da cidade faz uns quarenta e cinco minutos fora do ZeroSum. Está em um dos buracos, perto daqui.

— Bom trabalho.

— Penso em sair outra vez. Agora mesmo.

— De verdade? — o Senhor X parou diante das estantes e pegou uma faca de caça denteada — Sabe, ouvi algo que é bastante alarmante.

O seguiu seu apagado falatório e colocou a mão sobre sua coxa, aproximando a lâmina mais.

— Não vai perguntar o que é? — disse o Fore-lesser enquanto caminhava sobre as três unidades de armazenagem do chão — Talvez por que já sabe o segredo.

O escamoteou a faca em sua mão enquanto o Senhor X se atrasava sobre as redes metálicas que cobriam o alto dos tubos de rede de esgoto. Não dava nada pelos dois primeiros cativos. O terceiro não era assunto dele.

— Nenhuma vaga, Senhor O? — a ponta da bota do Senhor X tamborilava dando batidinhas contra um dos jogos de cordas que desapareciam debaixo de cada um dos buracos — Pensava que tinha matado dois depois de perceber que não tinham nada que valesse a pena dizer.

— Fiz.

— Então com o civil que agarrou esta noite, deveria haver um tubo vazio. Em troca, isto está lotado.

— Agarrei outro.

— Quando?

— Ontem à noite.

— Mentira. — o Senhor X começou a levantar a cobertura da terceira unidade.

O primeiro impulso de O foi levantar-se, dar dois passos longos e rápidos e perfurar a garganta do Senhor X com a faca. Mas, não poderia fazê-lo nem de longe. O Fore-lesser tinha o elegante truque de poder congelar aos subordinados no lugar. E, tudo o que tinha que fazer era olhá-lo.

Então, O ficou quieto, tremendo pelo esforço de manter seu traseiro sobre o tamborete.

O Senhor X tirou uma caneta-lanterna de seu bolso, acendendo-a e a dirigiu para o buraco. Quando um amortecido grito saiu, seus olhos se abriram de par em par.

— Jesus Cristo, realmente é uma fêmea! Por que demônios não me disseram isso.

O ficou de pé devagar, deixando a faca pendurar pela coxa, entre as dobras de sua calça de cargo.

— É nova. — disse ele.

— Não foi isso o que ouvi.

Com passos rápidos, o Senhor X foi ao banheiro e retirou a cortina de plástico transparente. Com uma maldição, chutou os fracos de xampu e o óleo que estavam alinhados na esquina. Então foi ao armário das munições e tirou a geladeira portátil que estava oculta atrás deles. Virou-a e a comida caiu de repente ao chão. Como os lesser não mastigavam nem engoliam, estava tão claro como qualquer confissão.

A pálida face do Senhor X estava furiosa.

— Esteve mantendo uma mascote, não é verdade?

O considerou negá-lo enquanto media a distância entre eles.

— É valiosa. Uso-a nos interrogatórios.

— Como?

— Os homens da espécie não gostam de verem fêmeas feridas. É um estímulo.

Os olhos do Senhor X se estreitaram.

— Por que não me disse nada?

— Este é meu centro. Você deu-me para dirigi-lo como quisesse. — e quando encontrasse o desgraçado mexeriqueiro, ia rasgar o bastardo em tiras — Cuido do negócio aqui e você sabe. Não deveria importar-se como trabalho.

— Deveria ter dito isso. — bruscamente, o Senhor X lhe disse — Está pensando fazer algo com essa faca na mão, filho?

*Sim, papai, na realidade penso em fazer.*

— Sou o responsável aqui ou não?

Quando o Senhor X trocou o peso sobre seus pés, O se preparou para o choque.

Mas, o telefone celular tocou. O primeiro toque soou estrondoso no tenso ambiente, como um grito. O segundo soou menos que uma intrusão. E o terceiro não o deixou BDF<sup>2</sup>.

Enquanto sua mente desbaratava-se, O se deu conta de que não estava pensando claramente. Ele era um tipo grande e um lutador malditamente bom, mas não era competidor para os truques do Sr. X. E se O fosse ferido ou morresse, quem cuidaria de sua esposa?

— Atenda. — ordenou-lhe o Senhor X — E, ponha no viva-voz.

As informações eram de outro dos Primes. Três lessers tinham sido eliminados próximos a uma estrada a duas milhas de distância. Seu carro tinha sido encontrado embaixo do tronco de uma árvore e as manchas das queimaduras de suas desintegrações tinham chamuscado a neve.

*Filhos da puta. A Irmandade da Adaga Negra. Outra vez.*

Quando O finalizou a chamada, o Senhor X disse:

---

<sup>2</sup> Nota da revisora: sigla de Big Dumb Face, que significa grande cara de idiota.

— Olhe, quer lutar contra mim ou ir trabalhar? Um caminho o levará a uma morte segura agora mesmo. É sua escolha.

— Sou o responsável por este lugar?

— Enquanto obtiver o que necessito.

— Trouxe muitos civis aqui.

— Mas isso não é o que muitos dizem.

O se aproximou e deslizou sobre a rede do terceiro buraco, assegurando-se de que o Senhor X o visse sempre. Então, colocou sua bota de combate sobre a coberta e encontrou seu olhar com o do Fore-lesser.

— Não posso ajudar se a Irmandade guarda o segredo de sua própria espécie.

— Talvez só deva concentra-se com um pouco mais de vontade.

*Não diga que se foda, pensou O. Foda esta prova e sua fêmea será alimento para os cães.*

Enquanto O tentava controlar seu temperamento, o Senhor X sorriu.

— Seu controle seria admirável se esta não fosse a única resposta apropriada. Agora, sobre o que aconteceu esta noite. Os Irmãos irão ao encontro daqueles assassinos aos que destruíram. Vá quanto antes à casa de H e pegue-o. Atribuirei alguém ao lugar de A e eu mesmo cobrirei D.

O Senhor X fez uma pausa na porta.

— Sobre essa fêmea. Se a usa como instrumento, está bem. Mas, se a mantém por qualquer outra razão, teremos um problema. Pegue leve ou alimentarei Ômega com você, pedaço por pedaço.

O não estremeceu. Tinha sobrevivido às torturas de Ômega uma vez e calculou que poderia voltar a fazê-lo outra vez. Por sua fêmea passaria pelo que fosse.

— Então, o que me diz? — exigiu o Fore-lesser.

— Sim, mestre.

Enquanto O esperava que o Senhor X partisse em seu carro, seu coração parecia explodir como uma granada. Queria tirar a mulher e senti-la contra ele, mas então nunca iria. Para tentar tranquilizar-se, rapidamente limpou seu S&W e se armou. Isto na verdade não o ajudou, mas ao menos suas mãos tinham deixado de tremer por um tempo enquanto o fazia.

Caminhado para a porta recolheu as chaves de seu caminhão e conectou o detector de movimento do terceiro buraco. O apoio tecnológico era um verdadeiro salva-vidas. Se o laser infravermelho se danificasse, a arma triangular do sistema dispararia e qualquer curioso apanhado estaria com um sério caso de filtrações.

O vacilou antes de sair. Deus, queria abraçá-la. Pensar em perder sua mulher, inclusive hipoteticamente, deixava-o louco. Aquela fêmea vampira... Era sua razão para viver agora. Não a Sociedade. Nem o assassinato.

— Estou indo, esposa, seja boazinha. — O esperou — Voltarei logo e a lavarei. — quando não houve nenhuma resposta, disse — Esposa?

O engoliu saliva compulsivamente. Embora se dissesse que devia ser um homem, não podia obrigar-se a sair sem ouvir sua voz.

— Não me deixe ir embora sem um adeus.

Silêncio.

A dor penetrou em seu coração, fazendo com que o amor que sentia subisse vertiginosamente. Suspirou, o delicioso peso do desespero se apoderou de seu peito. Tinha pensado que sabia o que era o amor antes de ser transformado em lesser. Tinha pensado que Jennifer, a mulher com quem havia transado e pela qual tinha lutado tantos anos, tinha sido especial. Mas, tinha sido um idiota ingênuo. Agora sabia o que era realmente a paixão. Sua mulher

cativa era a dor que o queimava e quem o fazia parecer um homem outra vez. Ela era a alma que substituía a que tinha entregado a Ômega. Por ela vivia, embora fosse um não morto.

— Retornarei assim que puder, esposa.

Bela encurvou-se dentro do buraco quando ouviu que se fechava a porta. O fato de que o lesser partisse intranquilo porque não respondera, agradava-a. Agora a loucura era completa verdade?

Era engraçado que esta loucura fosse a morte que a esperava. No momento em que despertou no tubo há muitas semanas, presumiu que sua morte ia ser convencional, do tipo de corpo destroçado. Mas, não, a sua era a morte em si mesma. Enquanto seu corpo subsistia com uma saúde relativa, seu interior não viveria muito.

A psicose estava apanhando-a, e como uma enfermidade do corpo, tivera suas etapas. No princípio se sentia muito petrificada para pensar em algo que não fosse a tortura que sentiria. Mas, então os dias passaram e nada aconteceu. Sim, o lesser lhe batia e seus olhos sobre seu corpo a repugnavam, mas não fazia com ela o que fazia aos outros de sua raça. Tampouco a estuprara.

Em resposta, seus pensamentos gradualmente mudaram, seu espírito reanimou-se enquanto manteve a esperança de que a resgatariam. Esse período de *fênix* fora o mais longo. Uma semana inteira, talvez, embora fosse difícil medir a passagem dos dias.

Mas, então tinha começado o irreversível deslizamento e o que o provocara foi o próprio lesser. Havia demorado um tempo para compreender, mas tinha um estranho poder sobre seu captor e depois que passou algum tempo, tinha começado a usá-lo. Ao princípio o provocou para provar os limites. Mais tarde começou a atormentá-lo sem outra razão mais que o ódio e o desejo de feri-lo.

Por alguma razão o lesser que a capturou... a amava. Com todo seu coração. Às vezes gritava com ela e realmente a aterrorizava quando ele tinha algum de seus caprichos, mas quanto mais dura era com ele, melhor a tratava. Quando ela punha os olhos nele, este entrava em uma crise de ansiedade. Quando ele trazia presentes e os rechaçava, chorava. Com crescente ardor, preocupava-se com ela, mendigava sua atenção, acomodava-se contra ela e quando o rechaçava, ele ficava triste.

Jogar com suas emoções era seu mundo, odiava-o e a crueldade que a alimentava, a estava matando. Uma vez fora um ser vivo, uma filha, uma irmã... Uma alguém... Agora se endurecia, como concreto em meio ao seu pesadelo. Embalsamada.

Querida Virgem do Fade, sabia que ele nunca a deixaria partir. Estava segura que se ela se matasse abertamente, ele tomaria seu futuro. Tudo o que tinha agora era apenas o espantoso, infinito presente. Com ele.

O pânico, uma emoção que não tinha tido durante um tempo, elevou-se em seu peito.

Desesperada por voltar para o intumescimento, concentrou-se no quanto estava frio o chão. O lesser a tinha mantido vestida com a sua própria roupa, que tinha tirado de suas gavetas e armários e estava abrigada por um comprido Johns de lã, quentes meias três-quartos e botas. Contudo, o frio era implacável, movendo-se entre as roupas, entrando nos seus ossos, convertendo seus tutanos em gelo.

Seus pensamentos trasladaram-se para sua granja, onde tinha vivido durante um período tão curto de tempo. Recordou o alegre fogo que tinha feito no lugar em sua sala de estar e a felicidade que tinha sentido ao estar sozinha... Eram más visões, más lembranças. Faziam-na recordar sua antiga vida, sua mãe... Seu irmão.

Deus, Rehvenge. Rehv a havia deixado louca com seu comportamento dominante, mas tinha tido razão. Se ela tivesse ficado com sua família, nunca teria conhecido Mary, a humana que vivia



ao lado. E, nunca teria cruzado o prado entre sua casa aquela noite para assegurar-se de que estava bem. E, nunca teria tido que correr atrás do lesser... Nunca teria terminado morta e respirando.

Perguntou-se quanto tempo seu irmão a teria procurado. Já teria se rendido? Provavelmente. Nem sequer Rehv poderia continuar durante tanto tempo sem esperança.

Apostava que a tinha procurado, mas por uma parte se alegrava de que não a tivesse encontrado. Embora fosse um homem extremamente agressivo, era civilizado e se sentiria responsável se o ferissem caso ele viesse resgatá-la. Aqueles lessers eram fortes. Cruéis e poderosos. Não, para que a salvassem seria necessário alguém igualmente monstruoso como aquele que a retinha.

Uma imagem de Zsadist lhe veio à mente, clara como uma fotografia. Viu seus escuros olhos selvagens. A cicatriz que atravessava seu rosto e deformava o lábio superior. O escravo de sangue com tatuagens na garganta e nos pulsos. Recordou os sinais dos açoites sobre suas costas. E, os piercings que penduravam de seus mamilos. E, os músculos, também o corpo magro.

Pensou em sua cruel vontade, inflexibilidade e todo o ódio totalmente volátil. Era aterrador, um horror da espécie. Arruinado, não, quebrado, nas palavras de seu gêmeo. Mas, isso era o que o faria um bom salvador. O único rival para o lesser que a tinha levado. O tipo de brutalidade de Zsadist era provavelmente a única coisa que poderia tirá-la daí, embora tivesse melhor critério que pensar que alguma vez tentaria encontrá-la. Ela era somente uma civil com a qual se encontrou um par de vezes.

E, a segunda vez, lhe tinha feito jurar que nunca voltaria a se aproximar.

O medo a rodeava e tentou refrear a emoção dizendo-se que Rehvenge ainda a procurava. E, apelaria à Irmandade se encontrasse alguma pista de onde estava. Então, talvez Zsadist viesse procurar por ela, por que seria necessário, como parte de seu trabalho.

— Olá? Olá? Há alguém aí? — a instável voz masculina soava como amortecida, um tom metálico.

Era o cativo mais novo, pensou. Eles no princípio sempre tentavam reagir.

Bela se esclareceu a garganta.

— Estou... Aqui.

Houve uma pausa.

— Oh, meu Deus... É a mulher que levaram? É Bela?

Escutar seu nome foi um choque. Infernos, o lesser a chamava de esposa a tanto tempo, que quase tinha esquecido que tinha sido algo mais.

— Sim... Sim, sou eu.

— Ainda está viva.

Bem, seu coração ainda pulsava, de todos os modos.

— Conheço você?

— Eu... Eu fui ao seu enterro. Com meus pais, Ralstam e Jilling.

Bela começou a tremer. Sua mãe e seu irmão... A tinham posto para descansar. Sua mãe era profundamente religiosa, grande crente das Velhas Tradições. Uma vez que se convenceu que sua filha estava morta, teria insistido na cerimônia apropriada para que Bela pudesse entrar no Fade.

*Oh... Deus.* Pensar que eles desistiram e saber que desistiram eram duas coisas diferentes. Ninguém viria buscá-la. Nunca.

Escutou algo estranho. E, compreendeu que soluçava.

— Fugirei. — disse o homem com força — Levarei você comigo.

Bela permitiu que seus joelhos dobrassem e deslizou para baixo pela parede acanalada do tubo até que ficou deitada no fundo. Agora estava realmente morta, verdade? Morta e bem morta.

Que horrivelmente adequado que ela estivesse presa na terra.

## CAPÍTULO II

As shitkickers de Zsadist o levaram através de um beco fora da Rua Trade, suas passadas soavam com força sobre os atoleiros de neve em parte congelados e esmagados pelos rastros dos pneus. Estava totalmente escuro, porque não havia janelas nos edifícios de tijolo de um e outro lado e as nuvens se fecharam sobre a lua. Inclusive caminhando assim, sua visão noturna era perfeita, penetrando em toda parte. Como sua raiva.

Sangue negro. Precisava de mais sangue negro. Necessitava-o sobre suas mãos, golpeando em seu rosto e salpicando sua roupa. Precisava de oceanos dele correndo pelo chão e gotejando na terra. Em honra à memória de Bela, sangraria aos assassinos, cada morte seria uma oferenda.

Sabia que não tinha sobrevivido, sabia em seu coração que devia ter sido assassinada de um modo espantoso. Então, por que sempre perguntava a esses bastardos onde estava? Inferno, não sabia. Só era a primeira coisa que saía de sua boca, sem importar quantas vezes se dissesse que estava morta.

Ele ia seguir fazendo essa maldita pergunta. Queria saber *onde, como e com o que*, eles o tinham feito. A informação só o devoraria, mas precisava saber. Tinha que saber. E um deles falaria em algum momento.

Z se deteve. Cheirou o ar. Rezou para que o suave aroma de talco para bebê fosse até seu nariz. Maldito fosse, não podia suportar isto... Não saber nada por mais tempo.

Mas, então riu com um repugnante ruído. Sim, o inferno não poderia enfrentá-lo. Graças a seus cem anos de cuidadosa educação com a Mistress, não existia nenhum nível de merda ao qual não sobrevivesse. Dor física, angústia mental, abatendo-se nas profundidades da humilhação e a degradação, desespero, impotência: *este aqui, agüenta*.

Assim, sobreviveria a isto.

Levantou a vista ao céu e quando sua cabeça se inclinou para trás, balançou. Com um rápido movimento de mão se estabilizou, logo suspirou e esperou para ver se a sensação de enjôo passava. Não teve sorte.

Hora de alimentar-se. Outra vez.

Maldição, esperava poder sair sem dificuldade mais uma noite ou duas. O mais seguro era que tinha arrastado seu corpo por pura força de vontade as duas últimas semanas, mas isso não era nada insólito. E, esta noite não queria tratar com a sede de sangue.

*Vamos, vamos... Concentre-se, idiota.*

Obrigou-se a continuar, espreitando pelos becos do centro, serpenteando o perigoso labirinto urbano de Caldwell, os clubes de New York e os cenários de drogas.

Às três da manhã, estava tão faminto de sangue que se sentia como uma pedra e foi a única razão pela qual se apresentou. Não podia agüentar mais a dissociação, o intumescimento em seu corpo. Recordava-lhe muito a letargia do ópio ao qual lhe tinham obrigado a tomar quando era um escravo de sangue.

Caminhando tão rapidamente como podia, dirigiu-se ao ZeroSum, a guarida atual da Irmandade no centro da cidade. Os seguranças lhe permitiram evitar a fila de espera, o acesso fácil era um dos benefícios das pessoas que deixava cair dinheiro efetivamente, como faziam os Irmãos. Infernos, o hábito da fumaça vermelha de Phury valia só um par de notas ao mês e V e Butch gostavam apenas da chamada que lhes chegava da prateleira superior das bebidas. Estavam regularmente nas compras de Z.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

